



Franco Maçonaria é um caminho iniciático real

Description

por Roland Bermann

J.-B. Willermoz estava convencido de que a Franco Maçonaria é um caminho iniciático real apenas por meio de um trabalho individual ininterrupto, que deve contribuir para o desenvolvimento da comunidade, um desenvolvimento que não pode ser concebido sem o progresso pessoal de cada um. De fato, reconciliação e reintegração, para usar os termos-chave da terminologia de Martinès de Pasqually, não podem ser nada além de individuais e não coletivas. “É um caminho que só pode ser um ponto de apoio e um elemento de controle de sua própria evolução para evitar os desvios de toda natureza, sempre possíveis, infelizmente...” E a história amplamente comprovou esse risco. Nesse aspecto, reside também o lado perigoso do R.E.R. O conhecimento da experiência alheia é necessário, mas ele só adquire valor real, só se torna vivo, quando é verificado pessoalmente.

Nosso caminho seria, então, um caminho solitário? Lembrem-se: “Não esperem nada, meus BAI’s , dos outros homens...” Como isso pode ser possível, considerando que, por princípio, a Franco Maçonaria é uma fraternidade, portanto, uma ausência de solidão? Aliás, o mesmo J.-B. Willermoz também escreveu: “A abordagem maçônica autêntica é uma disciplina coletiva, não excluindo de modo algum um trabalho pessoal e interior de aprofundamento. ” Assim, esse caminho não é solitário, exceto até certo ponto, e é esse ponto que precisaremos tentar esclarecer. Um autor contemporâneo, Henry Vincenot, em “As Estrelas de Compostela”, explica claramente essa interação, que nada mais é do que uma dualidade aparente, escrevendo:

“Então, Mestre Gallo, aprende que nunca se trabalha sozinho, que seu trabalho é uma obra comum e que sua obra contribui para a construção da cidade espiritual entre os homens. E, se seu trabalho é solitário, ele se opõe ao bem comum de seus companheiros e também de todos os homens, seus irmãos. ”

Isso exige algumas explicações complementares. Se estivéssemos buscando apenas um conhecimento de natureza intelectual, então Willermoz, ao falar de um caminho solitário, estaria errado. Um conhecimento assim exige uma participação de todos, cada um possuindo alguma parte.

Tal conhecimento, de essência racional, pode ser transmitido de forma didática. “Mas é então, em nosso domínio, um conhecimento por reflexo; para fazer uma imagem: uma luz lunar refletida pela luz solar. Na verdade, não é um conhecimento, mas um saber. Não nos aprofundaremos aqui na distinção entre saber e conhecimento, apenas lembrarei esta frase de Marie-Madeleine Davy^[1]: “*Todo saber que não é transmitido em conhecimento gera a sombra e a obscuridade*”. É em direção a esse saber, não negligenciável e tão útil, que se orientam essencialmente outros Ritos ao estudar os ‘Filósofos’ e as diversas ciências profanas, mesmo quando estas são chamadas de ciências do espírito. Aqui se coloca outra questão que me parece fundamental: para adquirir um tal saber, precisamos da Franco Maçonaria? A priori, não, pois sua finalidade real é outra. Isso é absolutamente evidente quando nos referimos ao objetivo da iniciação que foi expressado por nossos fundadores^[2]: ‘Não percam de vista, como Maçom, que o erro do homem primitivo o precipitou do Santuário ao Pórtico, e que o único objetivo da Iniciação é fazê-lo retornar do Pórtico ao Santuário.’ Se assim não fosse, como escreveu J.-B. Willermoz no mesmo documento, de que a Franco Maçonaria ‘teria necessidade de emblemas, de mistérios e de iniciação?’ Não penso que exista em outro Rito uma definição tão precisa da Iniciação e fixando um objetivo tão elevado que se torna quase inacessível. Essa inacessibilidade mesma deve nos trazer à modéstia necessária que já nos lembrava o ‘sic transit gloria mundi’ no dia de nossa recepção. Essa ‘glória do mundo’ diz respeito, é claro, tanto ao domínio material quanto ao intelectual.

Sobre este ponto particular da distinção entre saber e conhecimento, acrescentarei apenas o seguinte: o conhecimento imediato ou intuitivo opõe-se, globalmente, ao conhecimento analítico. O primeiro vai diretamente ao coração da Coisa/Chose^[1] e a penetra, posicionando-se nela. O segundo toma um desvio ao redor da Coisa e realiza uma abordagem progressiva, depois a divide em elementos que ela apreende gradualmente. O conhecimento direto tende a algo simples que é a aproximação ao perfeito; abordagem apenas porque essa forma de conhecimento impõe, para ser transmitida, a explicação; e essa explicação jamais será concluída. Sempre haverá explicação da explicação, um trabalho sem fim, cuja melhor imagem seria a do estudo talmúdico, um estudo que se baseia em um questionamento perpétuo.

Isso é perfeitamente ilustrado por este anedotário mais profundo do que parece e que corresponde perfeitamente à nossa abordagem: “*Como é possível,*” perguntou-se um dia ao Rabbi Lévi Yitzhak, “*que no Talmude da Babilônia, em cada tratado, falte a primeira folha e que todos comecem na página 2?*” O homem de estudo, respondeu o rabino, qualquer que seja o número de páginas que ele tenha lido e meditado, nunca deve perder de vista aquilo que ele ainda não alcançou na primeira página.” Até quando isso durará? Deve chegar um momento, como afirma Ezra de Gérone, “em que se detenham o questionador e aquele que responde, pois, o primeiro não pode falar do segundo, enquanto a meditação não puder apreendê-lo, como será ele apreendido pelo discurso para ser objeto de diálogo entre aquele que questiona e aquele que responde.” Mas esse momento é distante e indefinível.

Assim, é conveniente lembrar que, mesmo que seja possível ser instruído por outros, ou receber um certo número de esclarecimentos, não se está dispensado da obrigação de realizar por si mesmo o caminho.

¹ Marie-Madeleine Davy, “Le Désert intérieur”, página 181, Albin Michel.

² *Instruções secretas aos Grandes Professos, publicadas em anexo à *A Maçonaria Templária e

Ocultista* de Le Forestier. Diversas edições.

³ No contexto do Rito Escocês Retificado (RER), a Coisa ou Chose é um conceito importante, especialmente ligado à sua simbologia e doutrina esotérica. No RER, esse termo é geralmente associado a algo misterioso e sagrado, frequentemente referindo-se ao “Mistério” ou à “Verdade” que o iniciado busca compreender. A Coisa simboliza o grande enigma da existência e o objetivo último do processo iniciático, que é o conhecimento profundo e a união com o divino. No ritual, a Coisa pode ser considerada um símbolo do Objetivo Supremo da Maçonaria, sendo algo além do conhecimento terreno e material, remetendo à busca pela sabedoria esotérica e pela transformação espiritual. Esse termo também pode ser interpretado como a chave para a verdadeira iniciação, a qual, para o maçom, representa o acesso a um saber profundo, que é tanto filosófico quanto espiritual.

Category

1. Público

CEPdoRER - Círculo de Estudos e
Pesquisas do Rito Escocês Retificado